

## **Transfigurar Tabu em Totem: assunções vicárias sobre o ensino de teoria de relações internacionais no Brasil.**

*Transfigurar Tabú en tótem: la enseñanza de las relaciones internacionales en Brasil.*

**Felipe Kern Moreira<sup>1</sup>**

### **Resumo**

Na prática pedagógica dos cursos de Relações Internacionais no Brasil, transfigurar o tabu em totem implica a adoção de autores brasileiros – e latino-americanos - nos currículos dos cursos de graduação. Isto significa pensar as relações internacionais a partir de interesses brasileiros. A presente contribuição evidencia a realidade do ensino da disciplina Teoria de Relações Internacionais no Brasil e aponta para práticas pedagógicas possíveis.

*Palavras-Chave:* teoria das relações internacionais; Brasil; ensino; metodologia; educação.

### **Resumen**

En la práctica pedagógica de los cursos de las relaciones internacionales en Brasil, transfigurar el tabú en tótem implica la adopción de autores brasileños y latinoamericanos en los programas de los cursos de graduación. Esto significa pensar en las relaciones internacionales desde los intereses brasileños. Esta contribución evidencia la realidad de la enseñanza de la disciplina Teoría de Relaciones Internacionales en Brasil y apunta a posibles opciones educativas.

*Palabras claves:* Teoría de Relaciones Internacionales; Brasil; ensino; metodologia; educación.

### **1. Introdução**

A expressão Totem e Tabu, cunhada na conhecida obra de Sigmund Freud sobre sociedades primitivas, pretende expressar dimensões da *psiqué* humana. Obra datada de 1920, sofreu críticas do etnólogo norte-americano Alfred-Louis Kroeber o qual, em 1939, reconheceu que o estudo de Freud poderia oferecer elementos para a etnologia. Claude Lévi-Strauss, em 1962, publica o artigo “Totemismo hoje” no qual afirma que o “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade” (1754), de J. J. Rousseau, é o primeiro tratado de

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de Relações Internacionais e Comércio Exterior da Universidade Federal de Rio Grande – FURG; Doutor (2009) e Mestre (2004) em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília-UnB; Bacharel em Direito pela Fundação Universidade Federal de Rio Grande - FURG (2001); Scholarship Holder DAAD/CNPq (doutorado sanduíche) na Johann Wolfgang Goethe Universitaet Frankfurt am Main (2007-2009); Professor do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Sociedade e Fronteiras - PPGSOF, da Universidade Federal de Roraima – UFRR; felipe.kern@gmail.com

antropologia geral da literatura francesa, por colocar o problema central da antropologia: o da passagem da natureza para a cultura (LÉVI-STRAUSS, 1980, p.175). Com base principalmente em Rousseau e Henry Bergson, Lévi-Strauss conclui que o totemismo está para além das sociedades primitivas e do campo religioso: o totem é uma imagem projetada (LÉVI-STRAUSS, 1980, p. 178).

Dentre as inúmeras interpretações criativas da expressão “Transfigurar Tabu em Totem”, no contexto desta contribuição, uma pode significar projetar imagens da identidade brasileira, da expressão brasileira no mundo. Contudo, existem elementos ainda não conciliados na sociedade brasileira que precisam ser transfigurados em Totem. Neste sentido, singram as pesquisas de Walter Boechat, Roberto Gambini (2000) e Dulce Briza (2006) sobre elementos não conciliados da estrutura psíquica da sociedade brasileira (MOREIRA, 2013, p. 35; BOECHAT, 2014, pp. 71ss).

O *totem* do Estado brasileiro parece ser o modelamento a partir das grandes potências. O Brasil quer *totemizar* o ser potência internacional. É a busca da realização de um messianismo, a efetivação de ser o país do futuro. [Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do Antropófago. MA]<sup>2</sup>. Vianna Moog afirma que, antes do movimento modernista não havia aceitação da realidade brasileira, tal como era; que Rui Barbosa brigava com o Brasil por ter instituições inglesas e não ser como a Inglaterra, ter Constituição inspirada na americana e não ser como os EUA; que o Barão do Rio Branco “não consentia em negros e mulatos no Itamaraty, porque era preciso que o estrangeiro não julgasse o Brasil um país de mestiços” (1989, p. 243).

Aprimorar a expressão brasileira no mundo passa pelo refinamento dos procesos decisórios em política externa. Repetidas vezes Celso Lafer utilizou a expressão “traduzir necessidades internas em possibilidades externas”. Então, a política internacional do Brasil será tão mais eficiente quanto mais bem conseguir projetar, com definição e acuidade, necessidades internas.

## 2. Como transfigurar o Tabu em Totem?

No campo pedagógico existem alguns – poucos - internacionalistas brasileiros que insistem teoricamente na problematização de modelos teóricos em Relações Internacionais [O

---

<sup>2</sup> Ao longo deste texto, entre colchetes, são citadas frases de Oswald de Andrade, escritas no ‘Manifesto da Poesia Pau Brasil’- MPPB, de 1924, e no ‘Manifesto Antropófago’ – MA, de 1928.

contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adesão acadêmica, MPPB]. Argemiro Procópio fala na formação incompleta do especialista em relações internacionais e, como exemplo, que os temas da pobreza e a da fome não constam em disciplinas dos cursos de Relações Internacionais (2003, 43). É pedagogicamente desmedido que “The evolution of International Society”, de Adam Watson, tenha uma presença maior nos *curricula* internacionalistas do que “O Processo Civilizatório”, de Darcy Ribeiro; que Henry Kissinger tenha mais citações em aulas de Política Externa Brasileira do que Araújo Castro e que as guerras do Peloponeso sejam mais conhecidas que as guerras Tupinambá. Que estudantes saibam mais da história da Europa do que a das Américas. É desproporcional que o estudante conheça o realismo clássico, estrutural e ofensivo e não tenha lido Golbery do Couto Silva, Meira Mattos, Darc Costa ou algum estrategista brasileiro; que conheça Robert Keohane e Joseph Nye e nunca tenha ouvido falar na Geopolítica da Fome de Josué de Castro. É inadequado que os estudantes entrem no *Santus Sanctorum* dos estudos de Relações Internacionais, nas disciplinas de Teoria das Relações Internacionais, e dentro da Arca da Aliança encontrem três gavetas-paradigma: *realismo, liberalismo e construtivismo*. E que, neste domínio sagrado, não existam espaços para o Brasil, América Latina, Oriente Próximo e África. Óbvio que os *blockbusters* internacionalistas devem ser respeitados, conhecidos e devorados. Ao lado e para além disto, a perspectiva do estudante deve ser aprender sobre os *outros* a partir de si próprio, assim como é praticado nos melhores centros de pesquisa no mundo. O mundo anglo-saxão em termos de prática e ciência política é auto-centrado, interessado unicamente em sua própria história como Harold Berman descreve os ingleses (2006, p. 30).

Araújo Castro, experiente diplomata brasileiro, em Conferência pronunciada no Colégio Interamericano de Defesa, em dezembro de 1970, descrevera a resistência de países menores ao conceito de supranacionalismo e interdependência. Sustentara que estes conceitos pressupõem um estágio prévio de soberania e total independência política econômica (AMADO, 1982, p. 187). É claro, Araújo Castro sabia, que nenhum país vive completamente isolado. Referia-se à falta de qualquer indício de concessões ou cooperação (por parte das grandes potências) em termos de interesses nacionais, desarmamento e questões comerciais que realizem o princípio da igualdade soberana dos Estados (AMADO, 1982, p. 188). Em 1977, Joseph Nye – hoje, ex-presidente do Conselho Nacional de Inteligência e vice-secretário de Defesa do presidente Bill Clinton - e Robert Keohane, publicam “Power and Interdependence: World Politics in Transition”, onde o conceito de *interdependência*

*complexa* deixa de ser plataforma política das grandes potências para adquirir *status* teórico omnipresente nos manuais e nos cursos internacionalistas. Teoria escrita por *nacionalistas* norte-americanos, a partir da realidade e interesses americanos e destinada – assim como as principais teorias de Relações Internacionais produzidas nos EUA – a orientar a política externa norte-americana. Ainda hoje, a *interdependência complexa* é disseminada e lida no Brasil como discurso científico (imparcial e neutro) universal e ecumênico. O que Araújo Castro recusou enquanto política, voltou ao Brasil como teoria sobre uma realidade dada.

Amado Cervo, por sua vez, faz críticas à obra o Choque de Civilizações no artigo “Conceitos em Relações Internacionais”, publicado em 2008, na Revista Brasileira de Política Internacional - RBPI. Avalia que a teoria de Samuel Huntington serve à cultura ocidental de matriz anglo-americana. Procura confrontar os argumentos de Huntington a partir da observação empírica que Brasil, Índia e China praticam políticas exteriores não confrontacionistas e que a Teoria do Choque de Civilizações é avaliada pela inteligência destes emergentes como uma aberração intelectual (CERVO, 2008, p. 12). Recentemente Raul Bernal-Meza também descreveu um quadro atualizado das tentativas de autonomia do pensamento teórico e metodológico na América Latina em detrimento da visão hegemônica das relações internacionais focadas nos interesses das grandes potências (2016).

### 3. Pensar as relações internacionais a partir dos interesses brasileiros:

Na prática das universidades brasileiras, nos cursos de Relações Internacionais, transfigurar o tabu em totem implica a adoção do pensamento (não somente autores) brasileiro – e latino-americano - nos *curricula* dos cursos de graduação em Relações Internacionais, na forma de uma disciplina – quiçá obrigatória - denominada Pensamento Brasileiro em Relações Internacionais e, nesta, cotejar pelo menos Rui Barbosa, Oliveira Lima, Salvador de Mendonça, Afonso Arinos, Araújo Castro, Josué de Castro, Darcy Ribeiro, Alberto da Costa e Silva, Samuel Benchimol, Milton Santos, etc. Aqui são invocados somente os mortos, para não mexer com os vivos brios. Este tipo de debate é decisivo nestes tempos em que a Associação Brasileira de Relações Internacionais – ABRI e Conselho Nacional de Educação - CNE definem sugestões de Diretrizes Curriculares Nacionais - DCNs, esforço iniciado no Encontro Nacional da ABRI de 2012, durante o I Fórum de Graduação.

A disciplina autônoma de Pensamento Brasileiro em Relações Internacionais não constitui um ufanismo acerca das inteligências nacionais, um caricato patriotismo científico. Significa pensar o Brasil a partir do Brasil, dos componentes conscientes, imagéticos e

inconscientes, dos anseios populares, das necessidades efetivas que premem as sociedades brasileiras. Pensar as relações internacionais a partir dos interesses brasileiros. Não se trata de um nacionalismo de torcida verde-amarela senão de um patriotismo necessário, de meios e de fins. Patriotismo tal como descrito por Gustavo Corção: virtude moral anexa à justiça que como todas as virtudes morais, tem a universalidade que não conhece fronteiras. Capaz de simpatizar com o patriotismo alheio, com senso de reciprocidade (CORÇÃO, 1953).

A adoção de teorias desenvolvidas por brasileiros, ou que se adaptem e respondam à realidade e aos interesses brasileiros, permite a realização da mais alta responsabilidade das nossas Universidades conforme o proposto por Darcy Ribeiro no “Universidade Necessária”: *o exercício das funções de órgão de criatividade cultural e científica, e de conscientização e crítica da sociedade* (RIBEIRO, 1975, 241). Contrastante com iniciativas que se verificam no exame das agendas de pesquisa, da orientação ideológica das disciplinas regulares, que revelam o desinteresse por problemas sociais e nacionais, como a realidade da maioria dos atuais *curricula* de graduação em Relações Internacionais no Brasil. Basta consultar o conteúdo dos *curricula* e manuais de Teoria das Relações Internacionais nas bibliotecas e livrarias. O livro de Darcy Ribeiro “A Universidade Necessária” foi publicado em 1975 e, em 1999, após a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 (influenciada pelas ideias de Darcy), na coletânea “Universidade em Ruínas”, Marilena Chauí sintetizava os desvios dos rumos da educação superior no Brasil: transmissão e adestramento em vez de *formação, a marca essencial da docência*. Universidades que não formam e não criam pensamento (CHAUÍ, 1999, pp. 221-222). Realidade que precisa ser transfigurada, do tabu da indiferença e da erudição estéril, em totem que expresse e realize os interesses brasileiros no mundo.

## Referências

AMADO, Rodrigo. *Araújo Castro*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

ANDRADE, Oswald de. *Obras Completas. A Utopia Antropofágica*. São Paulo: Editora Globo, 2011.

BERMAN, Harold J.. *Direito e Revolução: a formação da tradição jurídica ocidental*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

BERNAL-MEZA, Raul. Contemporary Latin American thinking on International Relations: theoretical, conceptual and methodological contributions. In: *Revista Brasileira de Política Internacional*, nr. 59(1): e005, 2016. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v59n1/0034-7329-rbpi-59-01-00005.pdf>. Acesso em 31 de agosto de 2016.

BOECHAT, Walter. *A alma brasileira: luzes e sombra*. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRIZA, Dulce Helena Rizzardo. *A mutilação da alma brasileira: um estudo arquetípico*. São Paulo: Vetor, 2006.

CASTRO, Josué de. *Geopolítica da Fome: ensaio sobre os problemas de alimentação e de população do mundo*. 3ª ed. Revista. Rio de Janeiro: Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1954.

CERVO, Amado Luiz. Conceitos em Relações Internacionais. In: *Revista Brasileira de Política Internacional*. Ano 51, nr. 02 (julho-dezembro), 2008. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, 2008, pp. 08 - 25.

CHAUÍ, Marilena. A Universidade em ruínas. In: *Universidade em ruínas na República dos Professores*. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: CIPEDES, 1999. (pp. 211-223)

CORÇÃO, Gustavo. Patriotismo e Nacionalismo. Disponível em <http://de.scribd.com/doc/43440269/Nacionalismo-e-Patriotismo-Gustavo-Corcao>. Acessado em 31 de agosto de 2016.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *O índio brasileiro e a Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

GAMBINI, Roberto. *Espelho índio: a formação da alma brasileira*. São Paulo: Axis Mundi; Terceiro Nome, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Totemismo Hoje. In: *Os Pensadores*. 2ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros: paralelo entre duas culturas*. 17ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

MOREIRA, Felipe Kern. Seria a cordialidade oficial brasileira a diplomacia do homem cordial? In: *Conjuntura Austral*, volume 4, número 18, junho-julho, 2013. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral>. Acessado em 31 de agosto de 2016.

PROCÓPIO, Argemiro. *No olho da Águia: unilateralismo e Relações Internacionais*. São Paulo: Alfa-Omega, 2003.

RIBEIRO, Darcy. *A universidade necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.